



## **A CRÔNICA DAS DOZE E CINCO DE ALVES DE OLIVEIRA**

**Mariângela Sólla López**

UFMT

Entre o final da década de 50 e até meados dos anos 60, de segunda à sexta-feira, pontualmente, às 12h5, os acordes de *Moonlight Serenade* invadiam a cidade de Cuiabá e anunciavam que estava no ar a *Crônica das Doze e Cinco*. E os ouvintes da rádio *A Voz D'Oeste* acompanhavam atentos, durante cerca de 5 minutos, as palavras do jornalista e radialista João Alves de Oliveira que, com sensibilidade e perspicácia, coloria o cotidiano da pacata Cuiabá.

Durante aproximadamente dez anos, Alves de Oliveira, como era conhecido o jornalista narrou para seus ouvintes fatos pitorescos, falou sobre personagens e locais da cidade que tanto amava, denunciou situações irregulares e criticou ações e posturas que julgava equivocadas. Apaixonado, eloqüente, com apurado senso de humor, de raciocínio rápido, auto-didata, mas, sobretudo profissional, segundo seus colegas, Alves fez a cidade rir, chorar, indignar-se, e comentar suas crônicas.

Ainda hoje seus contemporâneos são unânimes ao mencionar a famosa frase que traduzia a fonte de inspiração para escrever suas crônicas: **“a cidade vive dos que vivem nela”**. Utilizada muitas vezes nos textos de Alves de Oliveira, a frase é recordada saudosamente e demonstra a cumplicidade que o jornalista conseguiu estabelecer com sua audiência, fazendo um relato poético do real.

O pesquisador José Marques de Melo<sup>1</sup> afirma que o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado por ele. E isso Alves de Oliveira fez em sua época. Ele conseguiu transformar o meio-dia da Cuiabá de 40 graus em um momento de agradável frescor, porque falava das coisas da cidade, de sua gente, de seu cotidiano, flagrando com sensibilidade as transformações que a sociedade e a cultura cuiabana sofriam.

---

<sup>1</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.155.



Mas Alves de Oliveira, além de escrever suas crônicas, desenvolvia uma intensa atividade como jornalista e radialista, criando e conduzindo diversos programas na Rádio A Voz d'Oeste: desde o programa infantil *Clube dos Pororocas* e o programa popular *Atrações Praial*, transmitido direto dos bairros da cidade junto com o companheiro Adelino Praeiro, até o *Grande Jornal Falado*, que ia ao ar diariamente às 21h. E é esta história que se pretende relatar a seguir, para deixar registrado um período de grande produtividade e profissionalismo do rádio mato-grossense, destacando a atividade jornalística e enaltecendo um gênero hoje ausente da programação radiofônica: a crônica.<sup>2</sup>

### **O jornalismo na pioneira A Voz D'Oeste**

A implantação do rádio em Cuiabá aconteceu mais de uma década após seu surgimento no Brasil, o que possibilitou à população local ampliar seu universo cultural, comunicando-se com outros centros do país e diminuindo o isolamento no qual vivia devido a sua localização no interior do território brasileiro e ao transporte precário para a região.

A primeira transmissão radiofônica em Cuiabá ocorreu no dia 15 de outubro de 1939, por iniciativa do professor João Jacob, mais conhecido pelo pseudônimo literário de Jercy Jacob, que montou um pequeno rádio transmissor em um estúdio improvisado em sua casa. O sucesso da experiência motivou uma segunda tentativa após uma semana, no dia 22, quando os poucos receptores existentes na cidade captaram durante uma hora, das 20h às 21h, a primeira emissão radiofônica da cidade. O professor Benedito Pedro Dorileo<sup>3</sup> relata que os cuiabanos ouviram naquela ocasião alguns números de piano e três de canto. Estava assim lançado o embrião da pioneira Rádio Voz d'Oeste.

Como em todo o país, em Cuiabá o rádio também era privilégio de uma elite que podia comprar aparelhos receptores, que nem sempre captavam as transmissões devido às dificuldades técnicas e aos constantes cortes de energia elétrica. Até dezembro de 1939 foram feitas doze transmissões experimentais, levadas ao ar às quartas-feiras e aos sábados, das 20h às 22h, seguindo o mesmo padrão de programação.

---

<sup>2</sup> Este registro está baseado, principalmente, nas entrevistas realizadas com jornalistas e familiares de Alves de Oliveira. Também foram utilizadas 22 crônicas escritas pelo jornalista, recuperadas e cedidas para este trabalho por seus familiares.

<sup>3</sup> DORILEO, Benedito Pedro. *Egéria cuiabana*. Cuiabá, 1976, pp.67-72



Nesse período, um radioamador cuiabano denunciou a estação como clandestina e a emissão dos programas só continuou porque o então interventor do Estado, Júlio Müller, considerou as transmissões como de utilidade pública. Os pioneiros do rádio em Cuiabá, após enfrentarem muitas dificuldades para poder cumprir com as exigências legais e obter a concessão governamental, conseguiram inaugurar oficialmente a **PRH-3, Rádio Sociedade A Voz D'Oeste**, no dia 12 de dezembro de 1944.

A emissora constituiu-se durante muitos anos no principal foco de difusão da cultura nacional e local, transmitindo inicialmente programas da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* e outros aqui produzidos (musicais, sertanejos, crônicas históricas, radionovelas, programas infantis etc). Em 1952, a rádio é transferida para Roberto Jacques Brunini que a modernizou e instalou seus estúdios na rua 13 de Junho, em frente à Praça Ipiranga. É a partir daí que o radiojornalismo cresceu e desenvolveu-se em Cuiabá até a tardia chegada da televisão em 1969.

Segundo Dorileo<sup>4</sup>, o primeiro jornal falado organizado em “estilo moderno” na Rádio A Voz D'Oeste foi o *Bandeirante no Ar*, dirigido e apresentado por Augusto Mário Vieira, que ficou no ar de 7 setembro de 1952 até o ano de 1955.

Nos últimos anos da década de 50, a atividade jornalística já era intensa na Rádio A Voz D'Oeste. E João Alves de Oliveira, antes de completar 30 anos – ele nasceu em Cuiabá, no dia 24 de novembro de 1932 – constituiu-se num dos principais personagens da história do radiojornalismo desenvolvido na emissora. Nesse período, em data que não pode ser precisada (os entrevistados são unânimes ao precisar o período, mas não o ano exato), ele e seu amigo, Adelino Praeiro, arrendaram a emissora de Jacques Brunini. Junto com o jornalista Evaldo Duarte de Barros, os três realizaram e conduziram os principais programas informativos da emissora.

O jornalista Adelino Praeiro<sup>5</sup> conta que naquela época “a rádio era o termômetro da cidade: o que A Voz D'Oeste não deu, não aconteceu”. Ele explica que a programação jornalística da emissora começava às 6h30, com o *Matutino H3*, passando a transmitir depois um noticiário de hora em hora, com as últimas notícias recebidas por telégrafo. Havia também

---

<sup>4</sup> DOLIREO, Benedito Pedro. op.cit, p.75.

<sup>5</sup> Em entrevista gravada no mês de abril de 2003 para falar sobre Alves de Oliveira e a Crônica das Doze e Cinco.



o *Correspondente Cruzeiro do Sul*, com cinco minutos de duração e edições diárias às 8h, 11h55, 16h e 20h25.

Nesse noticiário, patrocinado pelos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, transmitia-se notícias da cidade, com algum destaque para o noticiário nacional ou internacional quando o fato era relevante. A programação encerrava-se com o *Grande Jornal Falado*, inspirado no Grande Jornal Falado Tupi, de Corifeu de Azevedo Marques. O jornal era transmitido às 21h, durava uma hora, com notícias de caráter internacional, nacional, estadual e local.

De acordo com Evaldo de Barros<sup>6</sup>, o jornalista Alves de Oliveira criou o quadro chamado “Atualidades em Foco”, que era o editorial do jornal falado. Nesse espaço, o jornalista era mais contundente e combativo, fazendo críticas em um estilo diferente do utilizado nas crônicas da cidade.

Além da reportagem local, a equipe da Rádio A Voz D’Oeste contava com a agência *Asa Press*, de São Paulo, que alimentava os noticiários nacionais. Os jornais das principais cidades do país não chegavam regularmente a Cuiabá e por esse motivo a emissora tinha também um serviço de rádio-escuta. Os jornais mais lidos eram, segundo Praeiro, os do Rio de Janeiro: “Última Hora, Correio da Manhã e Diário Carioca. Só éramos ligados a São Paulo na questão do rádio. Nós tínhamos como termômetro a Rádio Tupi de São Paulo”.

A dedicação de Alves de Oliveira ao jornalismo era em tempo integral, ele participava da pauta à apresentação dos programas, chegando a dormir na emissora, conforme conta Evaldo de Barros. Nessa época, não se improvisava nada, era proibido improvisar. O lema da emissora era uma frase do radialista carioca, Góis Domingues, conhecido como Almirante. “Nós seguíamos rigorosamente o Almirante, que celebrizou a expressão: O rádio só é diversão para quem ouve. Para quem faz, é um trabalho como outro qualquer”.

Ainda segundo Evaldo de Barros, havia na emissora um quadro de avisos que funcionava como uma agenda, no qual todas as pautas do dia eram relacionadas, com orientações sobre local, horário, repórter responsável pela cobertura, o que devia ser feito e até o horário em que o repórter deveria retornar à rádio. “Nós tínhamos diariamente uma programação datilografada em 4 vias. (...) Era tudo muito organizado. O Alves ouvia tudo antes de ir ao ar”, explica o jornalista, que não sabe onde foram parar os arquivos da emissora, nem sua vasta discoteca.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Profundo admirador de Samuel Wainner, Alves de Oliveira leu com entusiasmo durante duas décadas os números do jornal *Última Hora*. É o que afirma o jornalista Afrânio Borba<sup>7</sup>, que conta também como era a rotina diária de Alves de Oliveira. De acordo com Borba, o trabalho do Alves de Oliveira começava muito cedo. Ele chegava à emissora e traçava seu plano de ação para o dia que estava começando: da rádio seguia, invariavelmente, para todos os gabinetes dos secretários do governo estadual, para o Palácio Alencastro, sede do poder executivo estadual, para a prefeitura de Cuiabá e Câmara dos Deputados. Depois retornava à emissora para transmitir as notícias aos ouvintes. “O Alves de Oliveira era um repórter autêntico. Ele realmente garimpava as notícias. Era um autêntico pioneiro dessa atividade no Estado. Tinha não só as fontes oficiais, mas também as de bastidores, com credibilidade, e que ele, eticamente, mantinha sempre no anonimato”.

Durante 16 anos a *Rádio A Voz D'Oeste* foi a única emissora da cidade, fazendo parte do cotidiano de seus ouvintes, envolvendo-os com sua magia, interferindo e moldando os hábitos da sociedade local, que organizava sua rotina em função da programação radiofônica. Só em 1955, surge a segunda emissora da cidade, a *Rádio Cultura de Cuiabá*, criada com o objetivo de divulgar as idéias de um grupo político da região. A emissora fecha em seguida das eleições e volta a abrir em 1960, arrendada pelo Padre Wanir Delfino César, mas, nesse período, a liderança de audiência permaneceu com a Rádio Voz D'Oeste, que já havia estabelecido uma ligação muito forte com os ouvintes.

### **A crônica da cidade e o estilo do cronista**

Não se sabe exatamente quando o programa **Crônica das Doze e Cinco** começou, nem quando deixou de ser transmitido. Do conjunto de crônicas lidas, somente duas foram datadas, ambas de 1957, ano em que os entrevistados acreditam ter-se iniciado o programa. Segundo Iris Capilé<sup>8</sup>, viúva do cronista, Alves de Oliveira apresentou suas crônicas até, aproximadamente, metade do ano de 1968, quando deixou rádio para trabalhar no projeto de lançamento do jornal Diário de Cuiabá.

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> BORBA, Afrânio. “Alves, o repórter pioneiro”. Jornal Diário de Cuiabá, edição comemorativa do sesquicentenário da imprensa mato-grossense. Cuiabá, 20/8/1989, Caderno L, p.8.

<sup>8</sup> Em entrevista concedida no mês de abril de 2003, sobre Alves de Oliveira e a Crônica das Doze e Cinco.



A pontualidade da emissão foi uma das principais características do programa: às 12h5, de segunda a sexta-feira, a crônica de Alves de Oliveira era lida na Rádio A Voz D'Oeste, após a apresentação da segunda edição do Correspondente Cruzeiro do Sul, que ia ao ar às 11h55. Às vezes, contam os colegas, quando o noticiário acabava antes da hora prevista, colocava-se música no ar até o momento em que, solenemente, ao som da música *Moonlight Serenade* apresentava-se o prefixo do programa.

Quando Alves de Oliveira não estava na cidade, eram Adelino Praeiro e Evaldo de Barros os responsáveis pela apresentação do programa. De acordo com Evaldo, muitas vezes Alves deixou a crônica escrita para ser apenas lida por eles. Em outras ocasiões gravava o programa antecipadamente. Às vezes, se o jornalista estava em um ponto da cidade e não havia tempo de chegar à emissora, fazia-se a transmissão por telefone.

Evaldo de Barros explica que a crônica despertava a atenção generalizada dos ouvintes de rádio. “As pessoas ou paravam de almoçar ou não almoçavam até terminar de ouvir. Era um ritual. A família cuiabana ouvia o programa”. Ele atribui o sucesso das crônicas a três fatores, na seguinte ordem: ao profissionalismo de Alves de Oliveira; ao seu talento como cronista; e à inexistência da televisão na cidade. E o sucesso era tanto que os “anúncios” veiculados antes ou depois da crônica custavam o dobro e eram geralmente do comércio varejista de cidade.

O dia-a-dia da cidade era o foco principal das crônicas. “Se o semáforo deixou de funcionar, virava crônica. Até buraco do meio da rua foi tema de crônica”, conta Adelino Praeiro, explicando que Alves era muito criativo e muito estimado na cidade. A repercussão das crônicas acontecia nos famosos bares de Cuiabá – o Sargentini e o Bar do Bugre –, onde todos se encontravam, onde tudo acontecia.

Em várias crônicas Alves falou sobre o bar porque acreditava que “(...) *um bar sempre desprega um pouco o corpo da alma. (...) Todo homem deve ter seu bar, como tem a sua casa, o emprego e a sua dor de cabeça...*”

Ou ainda: “(...) o bar não é apenas para o personagem do Vicente Celestino, porém para muita gente sadia, ele é o ponto onde tudo começa ou acaba... é o ponto onde vamos encontrar sempre um tipo especial ou diferente... é um ponto dentro da cidade em todas as cidades do mundo...”



A emblemática frase – **a cidade vive dos que vivem nela** –, marca registrada do cronista, foi utilizada de muitas maneiras em suas crônicas. No início do texto, servia de gancho para falar dos personagens de Cuiabá: “Uma coisa que temos repetido constantemente neste horário é que a cidade vive dos que vivem nela... E os que vivem nela vivem dos mais diversos modos...(...)”

Às vezes, a frase era utilizada para constatar fatos narrados, como na crônica em que Alves se refere ao cantor e compositor José Bolo Flor, mais conhecido como Zé Bolo Flô, personagem folclórico da cidade. “(...) *De fato, a cidade vive dos que vivem nela, e os que vivem nela vivem das mais diferentes maneiras...*”.

Outras vezes, o fechamento da crônica era coroado pela expressão: “(...) reabriram-se as aulas... e agora em bando, qual pássaros inquietos, eles caminham pelas ruas da Cidade Verde... Em todas as direções... eles dão um novo aspecto... e a cidade vai vivendo dos que vivem nela”.

O bom humor de Alves de Oliveira, ressaltado por todos os entrevistados, pode ser percebido também em seus textos, como neste em que deu uma bronca em São Pedro: “Exmo. Snr. São Pedro, responsável pelo aguaceiro que caiu ontem sobre a Cidade Verde... Venho mui respeitosamente protestar contra o ato de tão velho e ilustre santo mandando despejar água sobre a cidade...(...)”

Mas a crítica também marcou presença em suas crônicas do cotidiano, mostrando uma outra interpretação da realidade: “Bom dia pra você, garoto esfarrapado que joga bate vira no Jardim Alencastro...o jogo não para, é contínuo como a insistência dos políticos carcomidos. É assim a vida, corrupção, política, futebol e promessas...(...) O garoto grita ‘Jornar do Rio... Última Hora...Jornar do Rio’, criança que já nasceu operária(...)”.

A curiosidade dos ouvintes foi também aguçada por meio das crônicas de Alves de Oliveira. Ele mantinha o suspense, fazendo o ouvinte desejar o próximo programa: “(...) Amanhã possivelmente contarei a história da bisteca...uma brincadeira que deixa a gente imóvel... Assim não senhores... brincadeira de bisteca tem hora...”. Evaldo de Barros conta que a cidade ficou durante muito tempo intrigada com um personagem criado por ele: “o Mr. Veglio”. Alves dialogava com seu personagem em suas crônicas, fazia comentários, conversava, indagava-o. E os ouvintes, curiosos, ficavam imaginando se Mr. Veglio existia de verdade. Muitos até acreditavam saber quem era Mr. Veglio. Cada um tinha o seu Mr. Veglio.





Mas, de acordo com Evaldo, o segredo morreu com Alves de Oliveira. Assim como também morreu a crônica da cidade.

### **A cidade e os que nela viviam**

Cuiabá foi fundada no dia 8 de abril de 1719. Portanto, quando Alves de Oliveira começou a falar sobre a cidade em suas crônicas radiofônicas, Cuiabá já tinha mais de duzentos anos. O terreno do cotidiano da audiência foi explorado pelo cronista nas constantes referências que fazia ao espaço da cidade, como o lugar de trabalho de seus ouvintes, onde as atividades se desenvolviam dentro de uma rotina, com papéis destinados a seus protagonistas pelas tradições e condições materiais de existência.

Entretanto, para entender como era a cidade, é importante registrar que Cuiabá viveu grande parte de sua existência isolada dos grandes centros urbanos do país. Não havia transporte terrestre e a navegação fluvial, única disponível, era precária, dificultando o acesso à capital. O isolamento, aliado ao declínio da mineração e ao conseqüente empobrecimento da população, fez com que o desenvolvimento da cidade ficasse estacionado durante o século XIX. Aconteceram poucas transformações econômicas, sociais e em seu sítio urbano nesse período.

Conforme relata o historiador João Vicente Ferreira<sup>9</sup>, somente a partir da década de 1920, com os melhoramentos do sistema de transporte rodoviário, Cuiabá passou a viver uma fase desenvolvimentista.

O escritor Antonio de Arruda<sup>10</sup> descreve a cidade durante o período de 1937 a 1942. Conta ele que as diversões eram pouquíssimas, restringindo-se aos bailes em casas de família e às festas religiosas populares: Senhor Divino, São Benedito, Santo Antônio, São João. Mais tarde apareceram os clubes e só em 1942 o cinema teve seu espaço no Cine Teatro Cuiabá.

Antônio Arruda recorda que a vida se concentrava basicamente em um pequeno quadrilátero localizado no centro da cidade. Os pontos de maior concentração eram principalmente o Bar do Bugre e o Sargentini. À noite, a reunião era no Jardim Alencastro,

---

<sup>9</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997, p.358.

<sup>10</sup> ARRUDA, Antônio de. *Um olhar distante (crônicas)*. Cuiabá:Ed. do Autor, 1997,p.12.





para o *footing* circular diário. Nas quintas-feiras e domingos a animação era maior, com a retreta, com música de banda do 16º B.C. e da Polícia Militar, que se revezavam.

Foi só depois da década de 50, com a implementação da política federal de ocupação do Centro Oeste, e a política de colonização adotada pelo governo do Estado que a ocupação de Cuiabá processou-se de forma mais acelerada.

Para se ter uma idéia, entre 1950 e 1960, período em que a **Crônica das doze e cinco** foi ao ar, a população de Cuiabá cresceu vertiginosamente devido ao êxodo rural. No campo, os cultivos tradicionais foram sendo substituídos por pastagens para o gado, o que originou uma estagnação da agricultura e trouxe o homem para a cidade. A decadência da atividade garimpeira de diamantes nas áreas situadas ao norte e leste de Cuiabá também contribuiu para que a cidade chegasse a registrar em 1960 uma taxa de urbanização de 79,3%, o que significou um crescimento da ordem de 63,2%.<sup>11</sup>

É, portanto, nesse cenário de transformação da cidade em todos os seus aspectos que Alves de Oliveira escrevia, narrando as principais mudanças que a cidade sofria. A chegada de novos habitantes a Cuiabá, oriundos de várias partes do país e a ocupação desordenada da cidade foram registradas por Alves de Oliveira em uma crônica datada de 8 de abril de 1957, aniversário da cidade. Nela o jornalista compara a cidade bicentenária a uma jovem mulher e reclama do pouco cuidado que ela recebe. “*Os poucos homens, novos bandeirantes de nossos dias, chegam a esta verde cidade, enfrentando com toda dedicação todos os seus instantes. (...) E a cidade ganha um novo aspecto ao chegar a casa dos 239 anos, infelizmente a incompreensão de uns e o egocentrismo de outros entravam a sua marcha e quem sofre é o broto centenário*”.

A crítica também comparece, mas em linguagem poética: “(...) Há muita desculpa por ahí... Há muita acusação, e uma mulher insinuante chamada política, muitas vezes passa de salto alto, vestido colante ou tomara que caia. Os homens, assanhados, esquecem dos problemas e passam a corteja-la...”.

O moderno e o tradicional conviviam lado a lado. Fiel ao cotidiano, Alves de Oliveira captava o sentimento dos habitantes da cidade enfrentando a modernização, a descaracterização da arquitetura e o abandono de suas tradições.

---

<sup>11</sup> BARROS, Adriana A. Paes de. *Da televisão no Brasil ao televizinho em Cuiabá*. Cuiabá: Stúdio Press & Multicor Editores, 1997, p. 53.

As crônicas registram as mudanças com sensibilidade: “E foi ahí que ouvimos do bom João Vieira... ‘está acabando, já teve o seu tempo’... Sua expressão foi como um queixume, uma reclamação contra a doce tradição cuiabana, essa Festa do Divino...”. E o cronista oferece sua cumplicidade: “Gente cuiabana...feliz...muito feliz é o povo que tem algo para contar...porque uma das doces coisas que podemos apresentar é algo de nossa tradição, que aos poucos vai cedendo lugar ao progresso que chega...”.

Ao retratar os modos de ser e de viver dos habitantes da cidade, Alves de Oliveira formulava propostas de identificação nas quais os ouvintes podiam reconhecer-se. Em seus textos encontram-se tanto referências ao indivíduo (Sargento Raul, pai do bagaço, craque de futebol; Wenceslau da Panair, agora do DNER; o João Vieira, da farmácia) como também a uma determinada categoria: os funcionários públicos, os professores, os caixeiros viajantes etc.

Os lugares da cidade, permanentemente citados nas crônicas – o Grande Hotel, o Bar do Sargentini, a rua 13 de maio, o chafariz da Praça Alencastro, dentre muitos outros –, e a referência às práticas culturais da sociedade cuiabana (esmola do Senhor Divino, Banda do 16 B.C., baile de debutantes, festas religiosas...) conferiam à audiência a possibilidade de auto-reconhecer-se e o sentido de pertencer a um determinado lugar. Grande parte do sucesso da **Crônica das doze e cinco** pode ser explicada por esse sentimento da população. E o cronista era consciente disso: “(...) *Cartas assinadas e anônimas comprovam a penetração destes cinco minutos, que não pertencem a mim, mas pertencem a todos que ouvem...*”.

### **A morte do cronista e da crônica da cidade**

Do ponto de vista histórico, crônica significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento para a posteridade, conforme explica o professor Marques de Melo<sup>12</sup>. Ao longo do tempo, a crônica transformou-se em uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista em determinado espaço de tempo.

Sob essa perspectiva, é inegável a contribuição histórica do trabalho de Alves de Oliveira. O registro feito por ele em suas crônicas torna possível recuperar e entender como era o cotidiano e a trama cultural da sociedade cuiabana durante parte dos anos 50 e 60.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Apaixonado pelo rádio e pelo jornalismo, o profissionalismo que marcou a vida de repórter e cronista de Alves de Oliveira serviu de exemplo, abriu caminhos e culminou precocemente com sua trágica morte.

Durante o ano de 1968, o jornalista dividiu seu tempo entre suas atividades no rádio e os preparativos para o lançamento de um jornal diário, sonho que acalentava há anos. Após muito esforço, às vésperas do Natal de 1968, o sonho concretizou-se com a circulação da primeira edição do jornal “*Diário de Cuiabá*”, de propriedade de Alves de Oliveira<sup>13</sup>.

No dia 4 de janeiro de 1969, com 36 anos, enquanto ajudava a distribuir a terceira edição do jornal, Alves de Oliveira foi assassinado por um leitor que discordava de uma notícia publicada no número anterior. E a cidade, que durante uma década ouviu suas crônicas, soube, naquele dia que, por ironia do destino, Alves de Oliveira morrera em frente a rádio *A Voz D’Oeste*.

A crônica como gênero jornalístico desapareceu do rádio em Cuiabá após Alves de Oliveira, mas o sucesso alcançado com o seu programa permanece na memória dos cuiabanos, porque a **Crônica das Doze e Cinco** traduz a identificação, a intimidade e a cumplicidade entre Alves de Oliveira e os ouvintes da **cidade que vive dos que vivem nela...**

---

<sup>12</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.146,147.

<sup>13</sup> O jornal *Diário de Cuiabá* continua circulando na cidade desde sua fundação. Após a morte de Alves de Oliveira, a viúva Íris Capilé de Oliveira, grávida de seu terceiro filho, assumiu a direção do jornal. Posteriormente, o jornalista Adelino Praeiro juntou-se ao empreendimento, permanecendo à frente do jornal até hoje como Diretor Superintendente. O jornalista Gustavo Capilé de Oliveira, filho de Alves de Oliveira, é hoje o Diretor de Redação do jornal, com sede na Rua XV de Novembro, Bairro do Porto, em Cuiabá.



## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, António de. *Um olhar distante (crônicas)*. Cuiabá: Ed. do Autor, 1997.

BARROS, Adriana A.Paes de. *Da televisão no Brasil ao televizinho em Cuiabá*. Cuiabá: Stúdio Press & Multicor Editores, 1997

DORILEO, Benedito Pedro. *Egéria cuiabana*. Cuiabá:1976.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*.Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes,1994.

## OUTRAS FONTES

Jornal “Diário de Cuiabá”. Edição comemorativa do sesquicentenário da imprensa mato-grossense. Cuiabá, 20/08/1989.

Entrevistas realizadas com Adelino Praeiro, Evaldo de Barros, Gustavo de Oliveira e Íris Capilé de Oliveira, em abril de 2003.

Crônicas de Alves de Oliveira.